



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 23/10/2015 a 29/10/2015

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ e aluna do Tecnólogo em Processos Gerenciais - UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
23/10/2015	8,95	305,10	28,57	4,90	3,79
26/10/2015	8,85	302,20	27,78	5,09	3,84
27/10/2015	8,91	304,70	27,89	5,09	3,80
28/10/2015	8,81	299,90	28,11	5,06	3,76
29/10/2015	8,78	301,60	27,88	5,15	3,80
Média	8,86	302,70	28,05	5,06	3,80

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	84,45	0,24
RS - Santa Rosa	83,85	0,12
RS – Ijuí	83,85	0,12
PR – Cascavel	79,05	-0,38
MT – Rondonópolis	75,35	-0,66
MS - Ponta Porá	77,20	-0,52
GO - Rio Verde (CIF)	77,00	0,52
BA - Barreiras (CIF)	75,70	-4,66
MILHO		
Argentina (FOB)**	163,80	1,99
Paraguai (FOB)**	107,50	1,90
Paraguai (CIF)**	132,00	2,64
RS – Erechim	34,90	3,25
SC – Chapecó	33,20	2,15
PR – Cascavel	29,70	0,34
PR – Maringá	30,00	1,35
MT – Rondonópolis	23,50	-0,42
MS – Dourados	26,05	2,04
SP – Mogiana	31,10	5,78
SP – Campinas (CIF)	34,38	4,18
GO – Goiânia	27,70	0,73
MG – Uberlândia	30,90	0,98
TRIGO		
RS – Carazinho	702,00	1,15
RS – Santa Rosa	702,00	1,15
PR – Maringá	765,00	0,00
PR – Cascavel	740,00	-0,67

*Período entre 23/10/2015 a 29/10/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 29/10/2015**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	27,81	75,97	32,34

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
29/10/2015**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	39,45
Feijão (saco 60 Kg)	116,00
Sorgo (saco 60 Kg)	22,20
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,15
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,85
Boi gordo (Kg vivo)*	4,88

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago cederam durante esta semana, confirmando que o movimento altista da semana anterior, mesmo que tímido, não encontrou sustentação diante dos fatores fundamentais baixistas. Assim, o bushel para o primeiro mês cotado (novembro) ficou em US\$ 8,78, contra US\$ 8,98 uma semana antes, enquanto para maio fechou em US\$ 8,89 nesta quinta-feira (29).

As exportações dos EUA continuaram positivas e sustentando as cotações. Tanto é que as vendas líquidas estadunidenses em soja, na semana anterior, ficaram em 2,03 milhões de toneladas para 2015/16. Já as inspeções de exportação somaram 2,67 milhões de toneladas, contra 2,37 milhões na semana anterior. Todavia, o ótimo avanço na colheita dos EUA (87% colhido até o dia 25/10, contra 80% na média histórica para esta data), e o retorno das chuvas nas regiões produtoras brasileiras do Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste, pesaram mais sobre o mercado.

Nem mesmo a redução dos juros na China, visando estimular a economia local, ajudou a elevar o preço da soja. Mesmo porque tal medida tem pouco impacto sobre as importações diretas chinesas de soja.

Além disso, o mercado, diante da ótima produtividade registrada nos EUA, já começa a reverter sua expectativa e aposta em uma safra maior de soja do que o até o momento anunciado. Isso já seria demonstrado no relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para o dia 10 de novembro. Isso poderá colocar a atual safra estadunidense como a maior da história do país.

Enfim, a China, após pesadas compras, diminuiu seu ritmo e, nos últimos dias, não houve notificações de vendas dos exportadores privados dos EUA para o país oriental. (cf. Safras & Mercado)

No Brasil, o plantio se desenvolve, um tanto lentamente, porém, o retorno das chuvas no Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste deverá acelerar o processo a partir deste final de outubro. Com a disparada cambial (R\$ 3,92 novamente em alguns momentos desta semana), os produtores brasileiros aceleraram, corretamente, as vendas antecipadas da nova safra. Até meados de outubro cerca de 42% da safra já estava negociada no país, contra 28% na média histórica, sendo 50% no Mato Grosso (contra 18% em igual momento do ano anterior); 35% no Paraná e 30% no Rio Grande do Sul.

Os preços se mantiveram firmes, porém, com o recuo em Chicago e a estabilização cambial entre R\$ 3,85 e R\$ 3,97 por dólar, os valores em reais igualmente começam a se estabilizar. O balcão gaúcho fechou na média de R\$ 75,97/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 82,50 e R\$ 83,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 69,50/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 79,00/saco no norte e centro do Paraná.

Na medida em que a colheita dos EUA vai se confirmando excelente e o clima na América do Sul se torna positivo para o plantio, a tendência global é de preços um pouco mais baixos em Chicago. Assim, o mercado interno brasileiro continua totalmente dependente do câmbio, o qual parece ter se estabilizado nos atuais patamares até surgirem novos elementos políticos e econômicos no país. Não se

descarta valores um pouco mais baixos (R\$ 3,50) em caso de encaminhamentos positivos para a crise política vivida pelo governo central, assim como se houver, finalmente, avanços no ajuste fiscal. Como contraponto disso, temos o anúncio de mais um déficit primário para este ano, maior do que o do ano passado, fato que deve comprometer o grau de investimento de forma definitiva nos próximos meses, exercendo pressão de desvalorização sobre o Real. Além disso, mesmo que parcialmente precificada pelo mercado, há ainda a tendência de elevação nos juros básicos dos EUA para os próximos meses.

Em tal contexto, os preços futuros continuam atrativos, sendo que o interior gaúcho, para maio, ofereceu no FOB R\$ 78,00/saco nesta semana. Nos portos de Rio Grande e Paranaguá os valores CIF ficaram em R\$ 83,50/saco (maio) e R\$ 80,00/saco (março/abril). Em Rondonópolis (MT) tivemos R\$ 69,00/saco para março/abril enquanto em Dourados (MS) o valor chegou a R\$ 67,00. Em Rio Verde (GO) o saco ficou cotado a R\$ 69,00 para fevereiro/março, enquanto Brasília registrou R\$ 68,00 para abril (valores CIF). Em Uberlândia (MG), também no CIF, o saco de soja esteve em R\$ 71,00 para abril, enquanto na região do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia os valores, para maio próximo, ficaram respectivamente em R\$ 71,50; R\$ 70,50; R\$ 72,50; e R\$ 72,00/saco.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 08/10 a 29/10/2015.

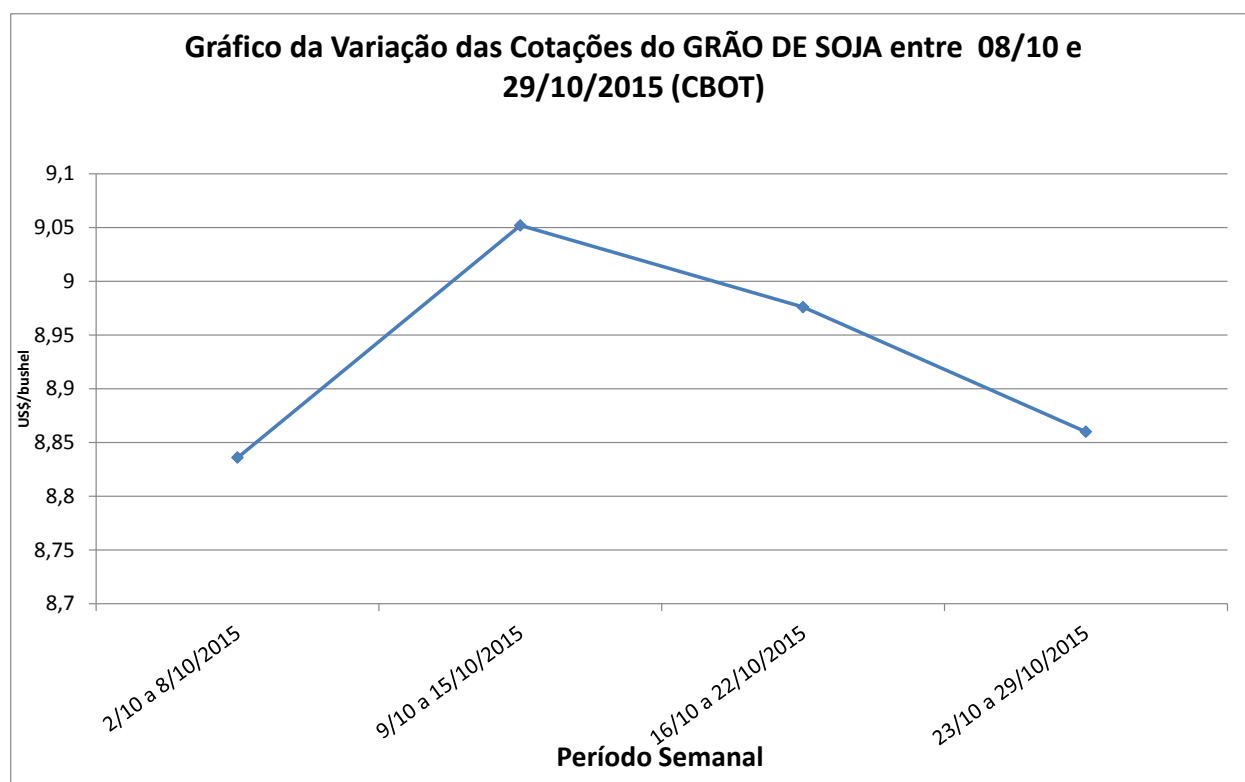


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 08/10 e 29/10/2015 (CBOT)

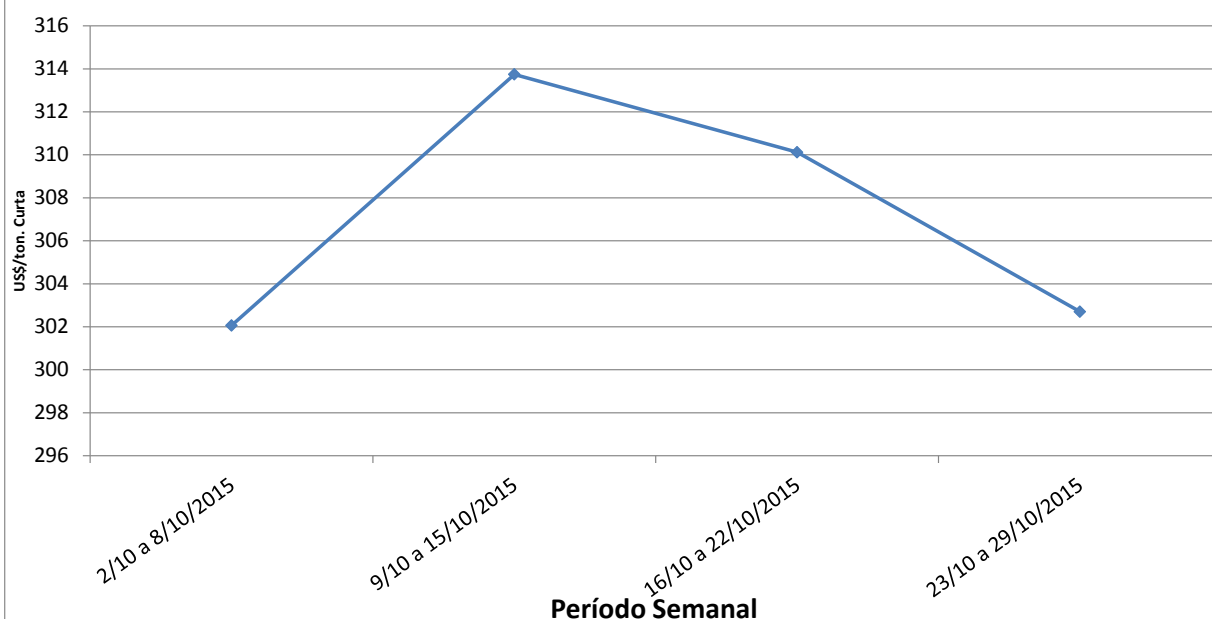
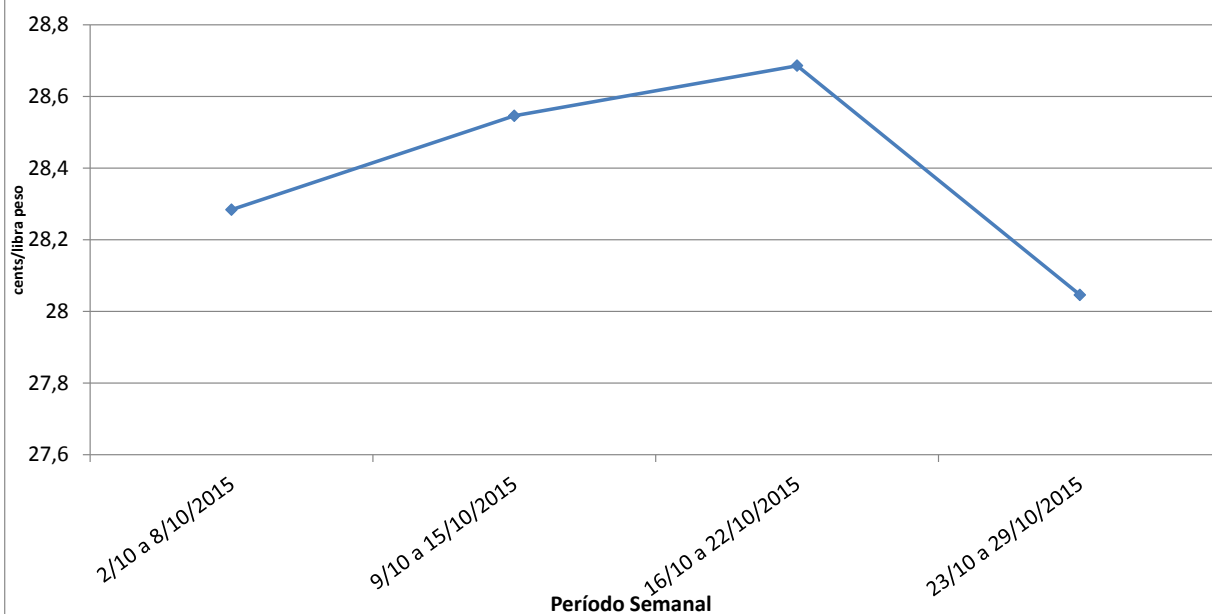


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 08/10 e 29/10/2015 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

A cotação do milho praticamente se manteve estável nesta última semana de outubro. O fechamento do dia 29/10 ficou em US\$ 3,80/bushel para o primeiro mês cotado, após ter alcançado US\$ 3,84 no dia 26 e US\$ 3,78 uma semana antes.

O avanço normal da colheita nos EUA, acompanhado de baixas exportações, não permite que o bushel de milho suba, mesmo com uma colheita um pouco menor neste ano naquele país. No primeiro caso, até o dia 25/10, os produtores estadunidenses haviam colhido 75% da área, contra 68% na média histórica para esse momento. No segundo caso, a América do Sul, e especialmente o Brasil, tem exportado muito milho, inclusive para os EUA, graças a forte desvalorização cambial local. Assim, as vendas líquidas estadunidenses de milho, no ano 2015/16, iniciado em 1º de setembro, somaram apenas 248.000 toneladas na semana encerrada em 15/10, ficando 26% abaixo da média obtida nas quatro semanas anteriores. O principal comprador foi o Japão com 103.500 toneladas.

Essa conjunção de fatores aumenta a disponibilidade interna de milho nos EUA, inibindo os preços. Além disso, com o petróleo a preços ao redor de US\$ 40,00 o barril, a produção de etanol pouco se viabiliza, o que leva a um menor uso do milho naquele país.

Nesse contexto, vale destacar que o dólar estaria sobrevalorizado no cenário mundial, travando as vendas externas estadunidenses. Um aumento do juro básico nos EUA tende a atrair mais dólares para o país, provocando uma desvalorização da moeda local, porém, poderá provocar igualmente uma saída de dólares de países como o Brasil, forçando ainda mais a perda de valor da moeda local. Assim, no curto e médio prazo não parece haver razões para altas no mercado internacional do milho. Após, tudo irá depender do comportamento da safra de verão sul-americana e da demanda internacional.

Na Argentina e no Paraguai o preço da tonelada FOB de milho se estabilizou em US\$ 165,00 e US\$ 107,50 respectivamente.

No Brasil, o câmbio continua sendo o elemento central da movimentação do mercado deste cereal. A grande indefinição quanto ao caminho que o Real irá tomar deixa os compradores e vendedores receosos em aumentar seus negócios na área do milho. Mesmo assim, os preços se mantêm firmes, com a média gaúcha no balcão terminando o mês de outubro em R\$ 27,81/saco, enquanto os lotes chegam a R\$ 35,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes variam entre R\$ 19,00/saco em parte do Nortão do Mato Grosso e R\$ 33,50/saco nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia e Campos Novos.

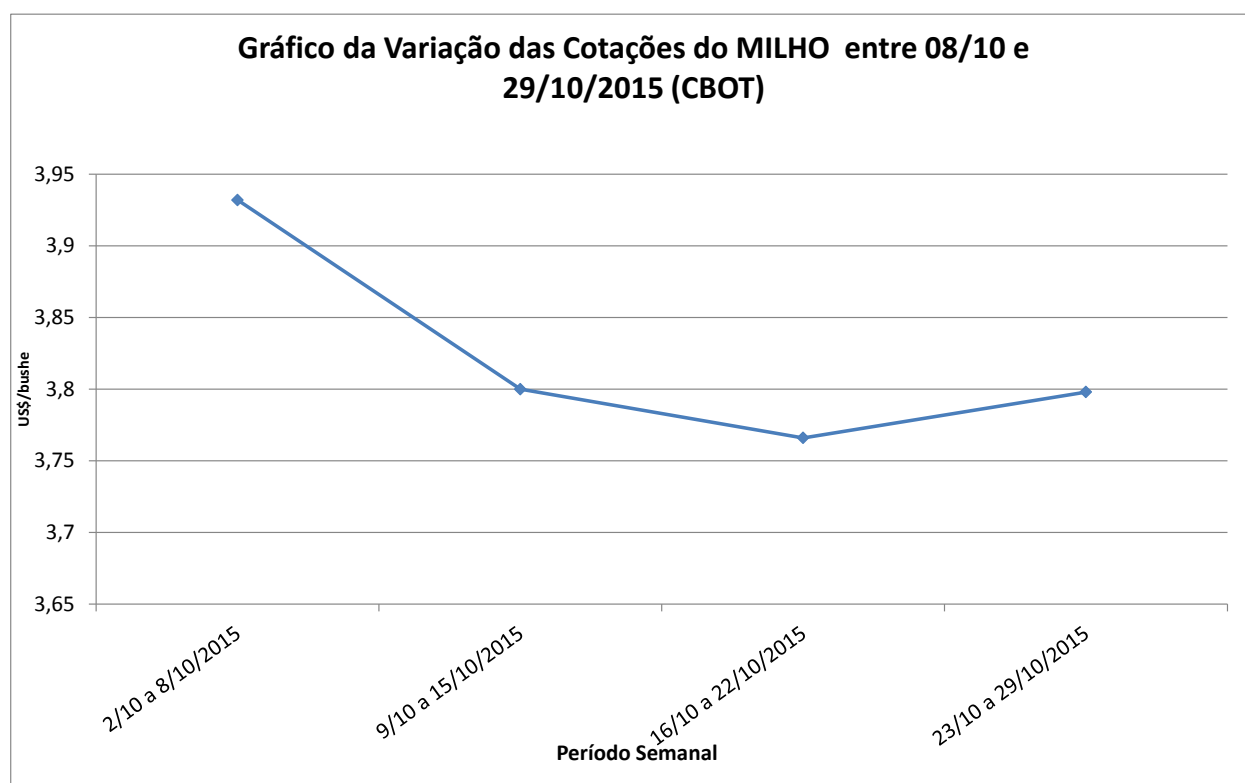
No porto de Santos o produto chegou a R\$ 37,50/saco, enquanto em Paranaguá ficou em R\$ 35,00/saco, para entrega em novembro e pagamento em dezembro. (cf. Safras & Mercado). Nesse contexto, a comercialização do milho privilegia o mercado externo, embora Rio Grande do Sul e Santa Catarina estejam importando o cereal como tradicionalmente o fazem.

Nesse sentido, nos primeiros 16 dias úteis de outubro o Brasil já havia exportado 4,03 milhões de toneladas do cereal, a um preço médio de US\$ 165,80/tonelada. Ao câmbio deste final de outubro isso representa R\$ 39,00/saco. Obviamente, quanto mais o país exportar mais se manterá o quadro de alta nos preços internos do cereal, especialmente porque se projeta uma safra de verão menor neste ano devido à redução de área semeada e problemas climáticos em algumas regiões. Para novembro, haveria 5,4 milhões de toneladas de produto esperando para embarque.

Quanto ao plantio da nova safra, até o dia 22/10 o Rio Grande do Sul registrava uma área de 64% semeada, contra 56% na média para esta época.

Enfim, a importação no CIF indústrias nacionais, registrou R\$ 53,96/saco para o produto dos EUA e R\$ 48,83/saco para o produto argentino, ambos para outubro. Para o mês de novembro o produto argentino ficou em R\$ 51,63/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores: R\$ 35,97/saco para outubro; R\$ 36,09 para novembro; R\$ 36,02 para dezembro; R\$ 36,45 para janeiro; R\$ 36,78 para fevereiro; R\$ 37,06/saco para março. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 08/10 a 29/10/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo acabaram se elevando durante esta semana, com o fechamento da quinta-feira (29) ficando em US\$ 5,15/bushel, após US\$ 4,90 uma semana antes.

O clima um tanto ruim que atinge as lavouras dos EUA tem deixado o mercado apreensivo. Igualmente em importantes países produtores do mundo o quadro climático acusa problemas (Brasil, Argentina, Ucrânia, Rússia e parte das Planícies do sul dos EUA estão enfrentando problemas climáticos nas lavouras do cereal). Nesse sentido, muitos operadores partiram para trocar posições vendidas por compradas, elevando o valor do bushel.

Por sua vez, as vendas líquidas estadunidenses, para o ano comercial 2015/16, iniciado em 1º de junho, somaram 357.500 toneladas na semana encerrada em 15/10, sendo 29% maior do que a média das quatro semanas anteriores. O maior comprador foi as Filipinas com 133.900 toneladas.

Nos EUA, até o dia 25/10, 47% das lavouras de trigo de inverno apresentavam condições entre boas a excelentes, 37% regulares e 14% entre ruins a muito ruins.

Nos países do Mercosul os preços FOB da tonelada para exportação não se alteraram, ficando entre US\$ 180,00 e US\$ 230,00.

No Brasil os preços, por enquanto, se mantêm estáveis, com a média no balcão gaúcho fechando a semana em R\$ 32,34/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 700,00/tonelada ou R\$ 42,00/saco, enquanto no Paraná os mesmos permaneceram entre R\$ 720,00 e R\$ 750,00/tonelada, ou seja, entre R\$ 43,20 e R\$ 45,00/saco.

A situação geral se complicou bastante sobre a atual colheita nacional, especialmente no Rio Grande do Sul. Como era esperado, o clima tem provocado muitos estragos nas lavouras. No Estado gaúcho a quebra já está em 50% do esperado, sem contar as perdas em qualidade do produto, que são expressivas. A colheita gaúcha chegava ao redor de 25% até o início desta última semana de outubro. Novas chuvas previstas preocupam os produtores para esta virada do mês. Boa parte do trigo gaúcho já está sendo destinado para ração animal.

Já no Paraná, onde a colheita ultrapassava 80% da área, cerca de 64% das lavouras colhidas estavam em boas condições, 29% medianas e 7% ruins. Resta saber o que será dos 15% a 20% restantes, as quais foram atingidas com mais intensidade pelas chuvas, ventos e granizo.

Nesse contexto, mantém-se a tendência de elevação nos preços internos do trigo de qualidade superior, o qual será ainda mais escasso. O mês de outubro termina com o produto no Paraná valendo 2% mais do que em setembro, enquanto no Rio Grande do Sul a majoração é de 7%.

Por sua vez, o Brasil terá que importar bem mais trigo do que o esperado, devendo o preço externo, balizado pelo câmbio, definir para onde caminhará o preço do produto tipo pão que está sendo colhido nesse momento no país. O risco, para os gaúchos, diante de elevado volume de produto ruim, é não receberem adequadamente nem

mesmo pelo produto de qualidade superior, pois os volumes poderão ser pequenos, levando os moinhos nacionais a priorizarem as importações, como tem sido o caso geralmente.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 08/10 a 29/10/2015.

